

JEFF ABBOTT

# A PRIMEIRA REGRA

Tradução de José Vieira de Lima

*Para Dan Sloan*

*Eu e a minha nação contra o mundo.  
Eu e o meu clã contra a nação.  
Eu e a minha família contra o clã.  
Eu e o meu irmão contra a família.  
Eu contra o meu irmão.*

PROVÉRBIO SOMALI

*Um só pensamento domina estes homens e dirige-se contra César. Se não és imortal, olha em teu redor: a negligência favorece a conspiração.*

WILLIAM SHAKESPEARE, JÚLIO CÉSAR

PRIMEIRA PARTE

**SE EU MORRER**

# 1

## *Manhattan*

– Será o mais perigoso assassinato em toda a história. Vai matar o presidente russo, Dmitri Morozov, quando ele vier encontrar-se com o presidente americano daqui a duas semanas. O cliente pagar-lhe-á vinte milhões de dólares. – A Sra. Claybourne disse tudo isto sem uma pausa, sustentando o olhar do homem que conhecia como Philip Judge.

Ele abanou lentamente a cabeça.

– Não poderia estar a falar-lhe mais a sério – disse a Sra. Claybourne. Estavam os dois sozinhos na sala, uma mesa entre eles. Todo o escritório tinha sido concebido de forma a impedir qualquer tentativa de vigilância áudio. O *smartphone* dela estava entre eles, com uma aplicação que esquadrihava constantemente a sala em busca de eventuais microfones. Ela colara às janelas uma película especial de privacidade – mais uma barreira. Essa película protegê-los-ia contra quaisquer espões que usassem tecnologia laser que lhes permitisse ler as vibrações das suas vozes no vidro e decifrar as suas palavras através de um microfone. Equipamento capaz de mascarar o som fora instalado nas portas, paredes, ar condicionado e canalizações, produzindo um zumbido baixo suscetível de frustrar as intenções de eventuais ouvintes. O escritório vazio fora alugado através de uma companhia fictícia pelo prazo de um ano, embora viesse a permanecer vazio depois daquela reunião.

No meio de uma Manhattan que fervilhava de seres humanos, estavam completamente isolados e ninguém os veria.

E ela não estava a brincar.

O sorriso desapareceu do rosto de Philip Judge. Era um rosto atraente, pensou a mulher, apesar dos contornos ásperos da boca, das maçãs do rosto e do queixo. Vestia um fato de bom corte, italiano, com uma gravata prateada. Apenas a ligeira cicatriz no lado esquerdo da garganta, uma linha pronunciada, afetava a sua boa aparência.

– Era esta precisamente a missão de que estava à espera, Judge, a missão para que se preparou. A missão pela qual fez todos os seus sacrifícios. Nunca mais precisará de trabalhar.

Judge abanou a cabeça.

– Quer que eu mate Dmitri Morozov. Não, obrigado. Pode recomendar-me um bom bar aqui na zona? Fez-me desperdiçar o meu tempo e agora preciso de uma bebida.

– Não ouviu o que eu disse?

– Ouvi. Só que, muito simplesmente, não acreditei em si. – Levantou-se, endireitando o casaco. – Podia ter ficado mais um dia em Copenhaga, a desfrutar dos encantos daquela bela cidade.

– Por favor. Sente-se. – Ela apontou para a cadeira. – Garanto-lhe que estou a falar-lhe a sério. Desde o primeiro instante.

– A primeira regra no meu trabalho – disse o homem – é não ser apanhado. O Morozov é um alvo impossível de abater. Ou, pelo menos, ser-me-ia impossível sobreviver – esclareceu Judge. – Não acredito no martírio. Bons dias.

– Por favor, sente-se – disse a Sra. Claybourne.

Judge, passado um instante, sentou-se.

O rosto impenetrável da Sra. Claybourne não era tão eficaz como ela acreditava. Estava perto dos cinquenta, vestia um impecável fato escuro com uma écharpe de um azul-suave, e uma madeixa cinza atravessava o cabelo castanho, curto e elegante. A voz era calma e ponderada. Porém, apesar de toda a sua meticulosa reserva, pensou Judge, ela estava com medo.

Exibiu outro sorriso, para facilitar a sua recusa.

– Aprecio a consideração que tem por mim. Mas a resposta é não.

– Você disse *impossível*. Exploremos por um minuto esse adjetivo.

– Não vale a pena. Os russos lançar-me-iam uma caça de que nunca desistiriam. Nunca. Nunca mais poderia voltar a trabalhar.

Nunca mais poderia ter um momento de paz. E, francamente, se há coisa que me está a apetecer é paz.

A chaleira assobiou.

– Bebamos o nosso chá e conversemos sobre o assunto. – A Sra. Claybourne levantou-se, foi até à pequena cozinha do escritório, encheu duas canecas de chá *oolong*, pousou-as na mesa e voltou a sentar-se. Olhou de relance para ele. Judge não movera um só músculo na sua ausência e estava imerso nos seus pensamentos. O belo cérebro deste homem, pensou ela, não consegue resistir a ruminar o desafio.

– Obrigada por não se ter ido embora enquanto eu estive na cozinha.

– Isso teria sido falta de educação.

Ela bebeu um pouco de chá.

– Eu sei que não lê com muita frequência nem os jornais, nem os *sites* de notícias. Por isso, permita-me um resumo: o presidente russo foi convidado pelo presidente americano para uma cimeira sobre paz e economia no rancho do vice-presidente, perto de Houston. O presidente Morozov visitará primeiro Washington e depois seguirá para o Texas. Daqui a cerca de duas semanas. O presidente americano também o convidou a trazer o seu círculo mais próximo, os homens que o ajudam a governar a Rússia.

– Esses homens são todos oligarcas multimilionários – disse Judge. – Nestes últimos anos, o Ocidente tem-lhes imposto toda uma série de sanções económicas. Eles não virão à América.

– Por acaso, vêm mesmo. Uma fonte do Departamento de Estado confirmou-me essa informação. Será um momento singular na história – disse a Sra. Claybourne. – E as sanções estão a ser levantadas. As relações entre a Rússia e a América são muito más há demasiado tempo e existe agora a intenção de as melhorar. Os americanos esperam levar o governo russo a tornar-se menos autoritário e abrir novos mercados na Rússia. Os russos precisam dos mercados ocidentais e precisam de que o Ocidente não ponha em causa a legitimidade do Morozov.

– Nesse caso, esse rancho será um local mais seguro do que Fort Knox – disse Judge. – Nunca me aproximaria de tal sítio. Os russos desse círculo próximo do Morozov são todos ex-KGB. Não são

simpáticos executivos americanos; são barões do roubo. Têm a sua própria força de segurança privada, na maior parte constituída por tipos das Forças Especiais. Acrescente a isso os Serviços Secretos americanos. *Drones* no céu. Um perímetro de segurança mais amplo do que o alcance de qualquer bala. – Olhou-a fixamente. – Para não falar do óbvio. Um presidente russo assassinado em solo americano? Significaria por certo guerra. – Fez uma pausa, respirou fundo. – Não sinto o menor desejo de causar uma guerra – disse.

– Ah, sim, o seu manual de conduta. – A mulher sorriu, mas ele não.

– Já muito gasto e velho e só o poderá encontrar numa estante – disse, batendo com um dedo na têmpora direita. – Uma das normas diz precisamente que tenho de levar muito a sério as consequências de um assassinio. E não há nenhuma morte que não provoque um abalo.

– E o abalo, neste caso, é que o Morozov morto poderia abrir caminho a um líder russo mais moderado. Um homem que não manipularia nem controlaria ao pormenor a democracia russa para seu próprio proveito, para satisfazer a sua ganância, e que, por isso mesmo, não aumentaria os riscos de conflito no mundo. – Falava com confiança. – Se é que um tal resultado se encaixa no seu sagrado manual de conduta, facilita a sua decisão e o ajuda a dormir melhor...

– Quem é que quer contratar-me? – perguntou ele.

– Uma pergunta escusada – respondeu a mulher, e bebeu mais um pouco de chá.

Judge levantou-se e passeou-se pela sala.

Dmitri Morozov era presidente da Rússia há dois anos, o sucessor imediato e controverso do seu irmão mais velho. Viktor Morozov governara a Rússia durante quase vinte anos, saqueara despidoradamente o país, reduzira drasticamente as liberdades, erigira (pelo menos na sua cabeça) uma Rússia que contrabalançava o Ocidente decadente, e, graças aos recursos do país, tornara-se multimilionário. Sem ironia, chamava à sua Rússia uma «democracia cautelosa» – cautelosa no que tocava a eventuais críticas que visassem a sua pessoa e o seu círculo próximo. Cautelosa no sentido de que reprimia direitos, controlava todos os *media*, pretendia devolver à Rússia toda a sua antiga glória. E cautelosa no sentido em que definia e nomeava os



inimigos do povo – jornalistas, muçulmanos, *gays*, ateus, músicos, intelectuais, líderes económicos que defendiam uma abertura e logo caíam em desgraça, o Ocidente obcecado com o indivíduo, todos eles forças supostamente perigosas que os Morozov, para salvarem a Rússia, derrotariam. Viktor, no entanto, não conseguiu derrotar a gadaanha da morte. Sucumbiu a um cancro, fumava que nem uma chaminé. O irmão mais novo, Dmitri, que tinha a alcunha de Pequeno Czar e que exercia as funções de primeiro-ministro, tomou o seu lugar. Os Morozov não eram czares, mas andavam lá perto. Os russos continuavam a elegê-los com medo da instabilidade, e Morozov e o seu círculo próximo de multimilionários dirigiam o país como se fosse a sua própria companhia privada. «Rússia, Inc.», como Judge ouvira a jornalistas ocidentais críticos do regime.

Parou.

– Porquê um prazo de apenas duas semanas? Não haveria tempo suficiente para planear.

– É esse o prazo.

Vinte milhões, pensou ele. Liberdade. O resto da sua vida vivida em tranquila perfeição.

A Sra. Claybourne inclinou-se na direção dele.

– Encare o desafio como achar melhor. Recebe cinco milhões de imediato, poderá contratar os assistentes de que precisa. Se precisar de recrutar uma equipa, terá dinheiro suficiente para lhes pagar. Se optar por agir sozinho, o problema é seu.

– É algo que não se pode fazer – disse Judge. – Não em solo americano.

– Ele tem de morrer em solo americano.

Morrer em solo americano. Sentiu um ligeiro formigueiro num recanto do seu cérebro. Uma ideia que procurava respirar, que lutava para viver. Um pouco de espaço onde pudesse mover-se.

A Sra. Claybourne observava-o.

– Você não foi a minha primeira recomendação ao cliente. Achei que uma equipa seria melhor e o Judge trabalha sozinho. Abordámos um outro assassino profissional. Ou melhor, assassina. Ela e a sua equipa estudaram detalhadamente a situação, mas não conseguiram encontrar uma maneira de executar a missão.

Judge ergueu uma sobrancelha.

– Em tais circunstâncias, depois de eu ter descrito o seu perfil ao cliente, você tornou-se o único candidato interessante. Fala russo fluentemente. Pode passar por um americano. E não existe. Um homem sem passado. – Ele pestanejou ao ouvir estas palavras. – E o seu cérebro é uma mescla soberba: metódico e, ao mesmo tempo, intuitivo, e, sobretudo, capaz de lidar com contratemplos. Tem toda a razão: abordar este caso como um assassinio convencional redundaria em fracasso. E você não agirá de uma forma convencional.

– Precisaria de conhecer os movimentos dele. Onde estará. Aonde vai. Sem isso...

– Posso oferecer-lhe mais uma vantagem, que não partilhei com o primeiro candidato ao trabalho.

– Sinto-me lisonjeado.

– Eu confio em si de uma maneira que não confiava nela. A nossa longa história... – principiou, mas calou-se por um breve momento.

– Temos alguém no interior do círculo próximo do presidente Morozov. Alguém que poderá informá-lo dos movimentos dele, dos seus hábitos, da sua equipa de segurança, inclusivamente das mudanças de última hora. Terá um contacto regular com essa pessoa, se necessário.

– Quem? Um dos multimilionários?

– Não posso dizer-lhe. O contacto tem apenas um nome de código. Pássaro de Fogo.

– O Pássaro de Fogo é um belo símbolo e profundamente russo – declarou Judge. Pensou: «Aposto que o contacto é o cliente.» Mas não disse nada.

– Eu posso servir como intermediária, ou poderá falar com o Pássaro de Fogo diretamente, via SMS. Claro que nunca haverá um encontro, um frente a frente. Recorreremos à encriptação e à tecnologia de dissimulação para protegê-los a ambos.

– Preciso de saber quem é o Pássaro de Fogo. – No círculo próximo de Morozov, toda a gente podia dar-se ao luxo de pagar vinte milhões de dólares a um assassino. Eram todos multimilionários que controlavam os aspetos mais importantes da economia russa e que, por sua vez, eram controlados por Morozov.

E um deles, pelos vistos, queria Morozov morto.